

## *Reflexão e participação*

Christiane D'AINVAL

[De: *Une Doctrine de la Présence Spirituelle: La Philosophie de Louis Lavelle*, Louvain-Paris, Nauwelaerts, 1967, pp. 39-40, 42-43.]

A reflexão não consiste somente em destacar de mim o mundo; ela é também o ato pelo qual descubro em mim uma atividade criadora da qual participo. A atividade da qual disponho me é dada como uma potência da qual sou livre para dispor, e o real me é dado como a fronteira que a limita e o instrumento do seu exercício; ambos, provindo do mesmo ato criador, são concedidos um ao outro. A reflexão não faz senão prolongar o ato mesmo que cria o mundo. Lavelle afirma de modo categórico que existe consubstancialidade entre o ato reflexivo e o ato criador. <sup>1</sup> “O ato reflexivo, escreve ele, é o ato criador que se reflete em nós de uma maneira imperfeita e na qual a iniciativa é sempre deixada a nós. Em si mesma, a reflexão coloca-se como não criadora do seu objeto, como virtual e como relativa, mas é por oposição a um ato criador, atual e absoluto, que a sustenta e que ela nos obriga a assumir conforme as nossas forças.”<sup>2</sup> Assim, o ato reflexivo é primeiro em relação ao eu, mas segundo em relação ao ato criador no qual está enxertado. Quando refletimos, é o ato criador que se reflete em nós.

Imputou-se à reflexão um caráter regressivo, dando-o como uma marca de impotência. Ora, ele é justamente o sinal de que ela nos recoloca desde logo na origem de tudo o que é. A regressão ao infinito, que ela implica, remontando do condicionado à condição, sem que este movimento possa aparentemente ser suspenso, revela-nos que “nenhum ato se basta a si mesmo, senão aquele que é o princípio de tudo o que é e pelo qual o espírito engendra eternamente sua própria presença a si mesmo.”<sup>3</sup>

Na reduplicação do dado, pela qual a reflexão substitui, às coisas, operações que lhes aclaram o sentido, Lavelle distingue três etapas, correspondentes às distinções que fazemos entre a percepção e a coisa, a imagem e a percepção, a idéia e a imagem. Não há termo que a reflexão não nos revele e que não nos pareça insuficiente, que em conseqüência não nos incite a participar da obra da criação. É assim que a percepção se torna o suporte da ação pelas quais lhe damos lhe damos um valor; é assim que a imagem sacode a mão do artista e que não há idéia que não esteja obrigada a tornar-se um ideal. Em cada uma dessas etapas, o ato reflexivo cava um intervalo entre o que sou e o que posso ou o que devo, no qual minha liberdade encontra o meio de se exercer.

.....

(...) Se a reflexão é desde logo o ato pelo qual o sujeito se descobre como sujeito, separando-se da experiência do objeto, ela faz aparecer em seguida, nesse mesmo sujeito, três aspectos diferentes que se implicam mutuamente: o sujeito psicológico, o sujeito transcendental e

---

<sup>1</sup> *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 23 mai 1936, p. 144.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> Ibid.

o sujeito absoluto. A atividade do nosso espírito revela-se assim como uma relação, em nós, do sujeito psicológico a um sujeito absoluto por intermédio do sujeito transcendental, isto é, do indivíduo ao Ser absoluto por intermédio da razão comum a todos os homens. Vimos que a reflexão consiste em ir, por etapas sucessivas, da percepção à imagem, da imagem à idéia: pode-se dizer que o domínio da percepção e da imagem pertence ao sujeito psicológico, o domínio da idéia, ao sujeito transcendental, o domínio dos valores, ao sujeito absoluto.

Só do sujeito psicológico temos uma experiência imediata: é o eu vivido; a reflexão, aprofundando-o, faz aparecer nele o sujeito transcendental e depois o sujeito absoluto, que não são jamais objetos e dos quais temos uma certa forma de experiência. Poder-se-ia chamar ao primeiro o “mim”, ao segundo o “eu”, ao terceiro o “si”. Esta descoberta das três formas do sujeito confunde-se com a descoberta da participação: o sujeito psicológico participando do sujeito absoluto pela mediação do sujeito transcendental. Só o sujeito psicológico e o sujeito absoluto possuem uma existência verdadeira: o sujeito transcendental não exprime senão a condição da participação de um no outro; ele é um instrumento. Vê-se que a reflexão não merece a acusação de esterilidade: se ela nos destaca do mundo, é para nos colocar em presença da atividade criadora da qual tudo procede e da qual ela nos faz participar.

.....

Jules Lachelier: “O próprio da filosofia é buscar a origem dos nossos conhecimentos em um ou vários atos concretos pelos quais o pensamento se constitui a si mesmo ao apreender imediatamente a realidade.”